

## Capítulo 1

— **R**owan, Kestrel e Jade — disse Mary-Lynnette ao passar pela antiga fazenda vitoriana com Mark.

— O quê?

— Rowan. Kestrel. E Jade. São os nomes das meninas que vão se mudar para cá. — Mary-Lynnette moveu a cabeça indicando a fazenda. Estava com as mãos ocupadas segurando a cadeira de praia. — São sobrinhas da Sra. Burdock. Não se lembra que comentei que umas meninas vinham morar com ela?

— Vagamente — disse Mark, ajeitando o telescópio embaixo do braço. Andavam lentamente por entre as árvores em direção ao topo do monte. Mark falava pouco, mas para Mary-Lynnette, ele estava com vergonha.

— São nomes bonitos — disse ela. — E devem ser meninas gentis porque a Sra. Burdock falou bem delas.

— A Sra. Burdock é louca.

— Ela só é excêntrica. Ontem me contou que as sobrinhas são lindas. É claro que ela é suspeita pra falar, mas pareceu estar dizendo a verdade. Todas são lindas, cada uma completamente diferente da outra.

— Então deviam ir para a Califórnia — disse Mark em um sussurro quase inaudível. — Deviam posar para a *Vogue*. Onde quer que eu coloque esta coisa? — perguntou, quando chegaram ao topo.

— Aqui. — E Mary-Lynnette colocou a cadeira no chão. Passou o pé na terra para nivelar o solo que ia receber o telescópio. — Sabe — disse casualmente —, pensei em irmos lá amanhã e nos apresentarmos, darmos as boas-vindas...

— Quer *parar* com isso? — interrompeu Mark abruptamente. — Posso cuidar da minha vida sozinho. Se quiser sair com uma menina, eu saio. Não preciso de ajuda.

— Está bem, está bem. Você não precisa de ajuda. Cuidado com o tubo de foco...

— Além disso, o que falaríamos? — continuou Mark. — “Bem-vindas à Briar Creek, onde nada acontece. Onde há mais coiotes do que pessoas. Onde, se quiserem *realmente* se divertir, poderão ir à cidade no sábado à noite ver a corrida de ratos no Gold Creek Bar...”

— Está bem. Está bem.

Mary-Lynnette suspirou e olhou para o irmão mais novo. Naquele momento, ele estava iluminado pelo último raio de luz do pôr do sol. Quem o visse naquele instante não diria que já esteve doente. Seu cabelo brilhava, tão negro quanto o de Mary-Lynnette, os olhos eram de um azul bem claro, reluzentes. Tinha a mesma pele bronzeada da irmã; a mesma cor rosada nas bochechas.

No entanto, quando bebê, fora magro, fraco, e cada inspiração era um grande esforço. Tinha uma asma tão forte que o fez passar a maior parte do terceiro ano em uma tenda de oxigênio lutando pela vida. Mary-Lynnette, um ano e meio mais velha, se perguntava todos os dias se o irmão mais novo voltaria para casa.

Ficar isolado em uma tenda, onde nem a mãe podia entrar o incitara a mudar. Quando saiu, comportava-se de maneira tímida e insegura, sempre agarrado ao braço da mãe. Além disso, não pôde se juntar aos outros meninos na prática de nenhum esporte. Isso tinha sido há muito tempo — Mark iria começar o primeiro ano do ensino médio em breve —, mas ainda era um menino retraído, e, quando entrava na defensiva, era capaz de arrancar a cabeça de uma pessoa com os dentes.

Mary-Lynnette esperava que uma das meninas fosse a pessoa *certa* que o faria relaxar um pouco e sentir-se mais confiante. Talvez pudesse ajudar o irmão de alguma forma...

— Em que está pensando? — perguntou Mark, desconfiado.

Mary-Lynnette se deu conta de que o irmão a observava.

— Que a visibilidade vai ser boa esta noite — respondeu sem muita convicção. — Agosto é o melhor mês para olhar as estrelas; o ar fica tão ameno e parado! Veja, a primeira estrela apareceu, pode fazer um pedido.

Apontou para um ponto brilhante na direção sul. Funcionou; Mark se distraiu e olhou para cima.

Mary-Lynnette olhou para o cabelo do irmão. *Se for para o seu bem, desejo que se apaixone*, pensou.

*Desejaria o mesmo para mim, mas de que adiantaria? Não há ninguém por aqui com quem eu possa namorar.*

Nenhum dos meninos na escola — exceto Jeremy Lovett, talvez — entendia por que ela gostava de astronomia ou o que sentia pelas estrelas. Na maioria das vezes, Mary-Lynnette não ligava para isso, mas, de vez em quando, sentia uma pequena dor no peito. Uma vontade de... dividir. Se fizesse um desejo, seria por isso, por alguém com quem pudesse dividir a noite.

Enfim... não adiantava ficar pensando naquilo. De qualquer maneira, ela não quis contar para Mark, mas eles estavam fazendo um pedido para o planeta Júpiter, e não para uma estrela.

Mark balançava a cabeça negativamente enquanto descia com passos pesados pelo caminho que se abria entre arbustos e plantas venenosas. Devia ter pedido desculpas para Mary-Lynnette antes de sair — não *gostava* de ser agressivo com ela. Na verdade, sua irmã era a única pessoa com quem tentava agir de maneira educada.

Mas por que ela sempre tentava *consertá-lo*? Chegava a fazer pedidos às estrelas. Mark nem fez um pedido, apenas pensou: *Se fosse desejar alguma coisa, o que não vou fazer porque isso não faz sentido e é idiota, desejaria que esta cidade tivesse alguma coisa legal para fazer.*

*Alguma coisa louca*, pensou Mark sentindo um tremor no corpo ao descer o monte no meio da escuridão.

Jade olhava para o ponto que brilhava constante no horizonte ao sul. Sabia que era um planeta. Já havia duas noites em que aquilo se movia no céu, acompanhado por pontinhos luminosos; deviam ser as luas do planeta. Ninguém tinha o hábito de fazer pedidos às estrelas em sua cidade natal, mas

o planeta parecia ser mais amistoso — um viajante, como ela. Observando o ponto naquela noite, Jade sentiu a esperança crescendo dentro de si. *Quase* um desejo.

Tinha de admitir que não estavam caminhando para um começo muito promissor. O ar noturno estava quieto; não havia nem o barulho longínquo de um carro. Estava cansada, preocupada e começando a ficar com muita, muita fome.

Jade se virou para falar com as irmãs.

— E aí, *onde* ela está?

— Não sei — disse Rowan num tom firme e gentil. — Seja paciente.

— Bem, talvez devêssemos procurá-la.

— Não — disse Rowan. — De forma alguma. Lembre-se do que decidimos.

— Provavelmente ela se esqueceu de que estávamos vindo — disse Kestrel. — Eu disse para vocês que ela estava ficando senil.

— Não *diga* esse tipo de coisa. Não é *educado* — disse Rowan, ainda gentil embora trincasse os dentes.

Rowan sempre era gentil quando podia. Tinha 19 anos, era alta, magra e esbelta. Tinha olhos da cor de canela e cabelo castanho que descia pelas costas em uma cascata de cachos.

Kestrel tinha 17 anos. Seu cabelo era da cor de ouro e enfeitava seu rosto como asas de pássaros. Tinha olhos âmbar que lembravam os de um falcão e nunca era gentil.

Jade era a mais nova, havia acabado de fazer 16 anos, e não se parecia com nenhuma das duas irmãs. Tinha cabelo louro quase branco, que usava como um véu para se esconder, e olhos verdes. As pessoas diziam que parecia ser serena, mas ela quase nunca se sentia assim. Geralmen-

te, sentia-se louca de alegria ou absolutamente ansiosa e confusa.

Naquele instante, estava ansiosa e preocupada com sua mala marroquina de couro de meio século de idade, pois não havia nenhum barulho vindo dela.

— Gente, por que vocês duas não vão até ali na frente para ver se ela está vindo?

As irmãs a olharam. Rowan e Kestrel concordavam sobre poucas coisas, e Jade era uma delas. Jade percebeu que as duas iam se unir contra ela.

— Como assim? — disse Kestrel, demonstrando irritação.

— Você está armando alguma coisa — disse Rowan. — O que quer fazer, Jade?

Jade se acalmou, relaxou o rosto e olhou para elas, esperando demonstrar naturalidade.

Elas a encararam por alguns minutos, depois se entreolharam e desistiram.

— Pelo visto vamos ter que andar — disse Kestrel para Rowan.

— Há coisas piores do que andar — respondeu Rowan, tirando uma mecha do cabelo castanho de cima da testa ao olhar para a rodoviária, que não passava de um cubículo com três paredes de vidro e um banco de madeira cortada. — Gostaria que aqui tivesse um telefone.

— É, mas não tem. São 32 quilômetros até Briar Creek — disse Kestrel. Seus olhos dourados brilhavam, cheios de uma alegria cruel. — Talvez fosse melhor deixar as malas aqui.

Jade ficou alarmada.

— Não, *não*. Todas as minhas... minhas roupas estão aqui dentro. Vamos lá, 32 quilômetros nem é muito.

Com uma das mãos, pegou a caixa de transporte do gato — feito em casa só com ripas de madeira e cordas — e, com a outra mão, pegou a mala. Andou por um bom tempo até ouvir o barulho de mais passos nas pedrinhas da estrada. As irmãs a seguiram, Rowan suspirava pacientemente, Kestrel dava risadas, baixinho, o cabelo brilhando como ouro sob a luz do luar.

A estrada estreita estava escura e deserta, mas não totalmente silenciosa, pois ouviam-se inúmeros sons da noite em harmonia com o ar imóvel. Seria agradável se a mala de Jade não estivesse ficando mais pesada a cada passo, e se não estivesse faminta como nunca. Sabia que não devia comentar sobre isso com Rowan, mas a fome a fez se sentir confusa e fraca.

Assim que pensou em colocar a mala no chão e descansar um pouco, ouviu um novo som.

Era um carro vindo lá atrás. O barulho do motor era tão alto que o carro pareceu demorar anos para alcançá-las; quando passou, Jade percebeu que, na verdade, a velocidade estava bem alta. As pedrinhas no chão fizeram barulho e o carro parou. O motorista deu ré e um menino olhou para Jade através da janela.

Havia outro menino no assento do carona. Jade os observou com curiosidade.

Pareciam ter a idade de Rowan e ambos estavam muito bronzeados. O motorista tinha cabelo louro que parecia não ser lavado havia dias. O outro tinha cabelo castanho. Vestia um colete sem camisa por baixo e mastigava um palito de dentes.

Ambos olharam para Jade e pareciam estar tão curiosos quanto ela. Então o vidro da janela do motorista desceu. Jade ficou fascinada com a rapidez do movimento.

— Precisa de uma carona? — perguntou o motorista com um sorriso estranho de tão iluminado. Os dentes brancos contrastavam com o rosto escuro.

Jade olhou para Rowan e Kestrel, que já estavam se aproximando. Kestrel não disse nada, mas examinou o carro com os olhos cor de âmbar de cílios grossos. Os olhos castanhos de Rowan estavam amenos.

— Com certeza — disse, sorrindo. — Mas vamos para a fazenda Burdock — adicionou, hesitante. — Talvez seja fora do seu caminho...

— Ah, conheço esse lugar. Não é longe — disse o menino de colete sem tirar o palito da boca. — Enfim, tudo por uma dama — completou. Parecia estar tentando ser galanteador. Abriu a porta e saiu do carro. — Uma de vocês pode se sentar na frente e eu me sento atrás com as outras duas. Que sorte a minha, hein? — brincou com o motorista.

— Sorte a sua — respondeu o outro rapaz com sorriso largo de novo. Ele também abriu a porta. — Você pode colocar a caixa do gato na frente, e as malas podem ir atrás — disse.

Rowan sorriu para Jade, que entendeu o que a irmã estava pensando. *Será que todo mundo por aqui é gente boa?* Elas arrumaram as malas e entraram no carro. Jade ficou na frente com o motorista e Rowan e Kestrel sentaram-se no banco de trás, cada uma de um lado do cara de colete. Um minuto depois, voavam pela estrada. Jade adorou a velocidade e o barulho das pedrinhas no chão.

— Eu sou o Vic — disse o motorista.

— E eu sou o Todd — disse o menino de colete.

— Eu sou a Rowan e esta é a Kestrel. A da frente é a Jade.

— Amigas?



— Irmãs — disse Jade.

— Vocês não parecem irmãs.

— É o que todo mundo fala.

Jade se referiu às pessoas com quem falaram desde que fugiram. Em casa, todo mundo *sabia* que eram irmãs, então nunca escutavam esse comentário.

— O que estão fazendo aqui tão tarde? — perguntou Vic.

— Não é um bom lugar para meninas comportadas.

— Não somos meninas comportadas — explicou Kestrel com voz distraída.

— Estamos *tentando* ser — disse Rowan, reprovando o comentário da irmã. — Estávamos esperando a nossa tia-avó Opal — disse Rowan para Vic. — Ela ia nos buscar na rodoviária, mas não apareceu. Vamos morar na fazenda Burdock.

— A Sra. Burdock é tia de vocês? — disse Todd, retirando o palito da boca. — Aquela velha maluca?

Vic se virou para olhar para ele. Os dois riram e balançaram a cabeça.

Jade olhou para o outro lado. Examinou a caixa de transporte do gato, prestando atenção ao barulho que indicava que Tiggy estava acordado.

Sentiu-se ligeiramente... inquieta. Captou alguma coisa no ar. Ainda que os rapazes parecessem amistosos, havia algo escondido, mas ela estava com muito sono e muita fome para conseguir decifrar o que era.

Bastante tempo pareceu se passar até que Vic falasse de novo.

— Vocês já vieram ao Oregon?

Jade piscou os olhos e murmurou uma negativa.

— Tem uns lugares bem solitários — disse Vic. — Aqui, por exemplo. Briar Creek surgiu na época da corrida do ouro,

mas quando a extração acabou e a estrada de ferro se afastou, ficou esquecida. Agora, a vida selvagem está tomando a cidade de volta.

O tom de voz era significativo, mas Jade não entendeu o que ele queria dizer.

— Parece mesmo ser um lugar tranquilo — disse Rowan educadamente no banco de trás.

Vic deu uma bufada discreta.

— Bem, não foi exatamente isso que eu quis dizer. Por exemplo, olhem para esta estrada. As fazendas ficam a quilômetros de distância, certo? Se você desse um berro, ninguém escutaria.

Jade piscou novamente. Que comentário mais estranho...

— Bem, você e o Todd escutariam — disse Rowan ainda mantendo o tom educado.

— Eu quis dizer ninguém *mais* — disse Vic.

Jade sentiu a impaciência dele, Vic estava dirigindo cada vez mais devagar até que levou o carro para o lado da estrada e parou. Estavam estacionados.

— Ninguém *lá* vai escutar — explicou.

Ele se virou e olhou para o banco de trás. Jade também olhou e viu que Todd estava sorrindo. Era um sorriso largo e aceso, dentes segurando o palito.

— É isso mesmo — disse Todd. — Vocês estão aqui sozinhas conosco, então é melhor prestar atenção, certo?

Jade viu que ele estava segurando o braço de Rowan com uma das mãos e o pulso de Kestrel com a outra.

Rowan ainda mantinha um ar educado e surpreso, mas Kestrel olhou para a porta do carro. Jade sabia o que estava procurando: a maçaneta, que não estava à vista.

— Que pena — disse Vic. — Este carro é uma lata velha, nem dá para abrir as portas traseiras pela parte de dentro.

Então agarrou o braço de Jade com tanta força que ela sentiu a pressão nos ossos.

— Agora, meninas, comportem-se e ninguém vai se machucar.